



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

QUADRILHAS JUNINAS DE BARREIRAS: UM ESPAÇO PARA RE(EX)SISTÊNCIA DE GÊNEROS E SEXUALIDADES DISSIDENTES

Alex de Sales Soares¹; Carlos Henrique Lucas Lima²

Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB
alexsales_@hotmail.com
carlos.lima@ufob.edu.br

RESUMO:

Este estudo busca, a partir da perspectiva dos Estudos Queer, analisar se os Grupos Culturais como a Junina Rosa de Ouro e a Nordeste Show, conhecidos como Quadrilhas Juninas, se apresentam como um espaço de re(ex)sistência das pessoas que se leem e são lidas a partir de identidades não heterossexuais, ou seja, dissidentes aos regimes que pretendem regular os gêneros e as sexualidades. A pesquisa está em fase inicial, com a realização de observações e leitura do referencial teórico que ajudam a compreender como esses grupos se constituem enquanto espaços de reinvenção e empoderamento dos sujeitos de gêneros e sexualidades dissidentes da heteronorma.

Palavras-chave: gêneros, sexualidades, heteronormatividade, quadrilhas juninas.

¹ Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB. Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Humanidades- UFOB. E-mail: alexsales_@hotmail.com

² Doutorando em Cultura e Sociedade pela UFBA e pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade – CuS. Professor Assistente na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). E-mail: carlos.lima@ufob.edu.br



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

As pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes, isto é, que rejeitam um estilo de vida orientado pela heteronormatividade, são atingidas cotidianamente pela violência que decorre por não se enquadrarem em um padrão de suposta “normalidade”. Esse padrão é construído por uma sociedade heteronormativa que se baseia em uma hierarquia das sexualidades e dos gêneros, em que a heterossexualidade ocupa posição superior, e as pessoas heterossexuais, conseqüentemente, são tomadas como únicas “portadoras” de um modelo legítimo de sexualidade. As demais formas de sexualidade e expressões de gênero são marginalizadas, tratadas como perversas e anormais. Esse tipo de discriminação começa logo na infância, quando palavras como “viadinho” e “sapatão” são usadas como insultos na intenção de lembrar àquele corpo que ele deve agir da forma que a sociedade espera dele e não de outra.

Essa tentativa de agir sobre o corpo do outro, ou melhor, sobre seu gênero e sua sexualidade, acaba por marginalizar as pessoas que se leem e são lidas como não heterossexuais e que, dessa forma, fogem dos regimes de normalização³. Esse tipo de violência é denominada Homo-lesbo-trans-bifobia e cotidianamente age sobre os corpos dissidentes da heteronorma na forma de violência simbólica, psicológica e até mesmo física. Lembremo-nos aqui do caso do estudante da UFBA, Itamar Ferreira Souza de 25 anos, encontrado morto na Praça do Campo Grande em Salvador –BA. Segundo o Relatório⁴ 2013/2014, divulgado pelo Grupo Gay da Bahia – GGB, que avaliou o assassinato de homossexuais (LGBT) no país nesse período, “Foram documentados 312 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo uma transexual brasileira morta no Reino Unido e um gay morto na Espanha. Um assassinato a cada 28 horas!”.

Por conta da não aceitação, ou melhor, não respeitabilidade, da sociedade para com essas pessoas, elas, muitas vezes, são expulsas de casa e excluídas de diversos episódios rotineiros, como andar na rua sem serem vítimas de insultos, piadas e olhares de desconfiança.

³ Por “regimes de normalização” estamos entendendo aqui não apenas a heteronormatividade, como, ainda, a branquitude. Esses regimes se caracterizam pelo estabelecimento de uma “régua” a partir da qual todos os corpos e subjetividades serão lidos e hierarquizados. Para uma crítica queer, cobra relevância o combate a tais sistemas perversos.

⁴ RELATÓRIO GGB – Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf> (Acessado em 03/03/2015)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Na busca de resistirem às normatizações e reexistirem socialmente - daí o emprego do termo “re(ex)sistência” - essas pessoas dissidentes procuram espaços de sociabilidade, espaços em que possam desenvolver outras formas de vínculo social.

Esse trabalho apresenta as primeiras impressões do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido com o apoio do Programa de Educação Tutorial: PET Humanidades. Ela ainda não possui resultados concretos, mas hipóteses e reflexões teóricas que auxiliarão a entender esses grupos culturais, as quadrilhas juninas, como um espaço de re(ex)sistência cultural e política aos regimes que pretendem regular os gêneros e as sexualidades à heteronorma.

As quadrilhas juninas

Foi a partir do do exposto acima, que surgiu o interesse em analisar se as Quadrilhas Juninas⁵ de Barreiras, essas que já existiam na cidade, mas que foram incrementadas pelos migrantes cearenses e passaram a fazer parte da Cultura local com mais força há mais de trinta (30) anos (PINHEIRO & PITTA, 2012, p.121), se configurariam como um desses espaços a partir dos quais as pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes poderiam reinventar a realidade que as oprime. Tal hipótese surgiu a partir de inquietações já antigas e ao assistir a um vídeo no qual uma quadrilha junina, a “Junina Tradição”⁶ do Estado do Pernambuco (aqui levanto a hipótese que talvez seja a primeira quadrilha a fazer isso), trouxe no ano de 2013 o “tradicional casamento junino/matuto”⁷, só que em vez de um casal heterossexual, os protagonistas da cena eram duas pessoas do gênero masculino, o que perturbou a norma sexual, complicando uma leitura linear das quadrilhas que necessariamente entende por casal duas pessoas de gêneros e, por conseguinte, segundo ainda os reclamos da heteronormatividade, heterossexual. Houve até “beijo gay” durante a apresentação!.

Ao provocarem a heteronorma com a confusão dos lugares de cada gênero, os sujeitos que protagonizaram o “casal gay” promoveram a produção de uma espacialidade outra, talvez

⁵ As Quadrilhas Juninas são Grupos Culturais (de dança e em alguns casos também teatro) que geralmente se apresentam nos meses de junho e julho no período de festejos populares conhecido como “São João”. Apesar de fazerem parte da Cultura de todo o país, são mais conhecidas na região Nordeste do Brasil.

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/sao-joao/2013/noticia/2013/06/no-recife-quadrilha-junina-ousa-com-beijo-gay-em-casamento-matuto.html>> e <<http://m.youtube.com/watch?v=NOBMshdo8ow>> Acesso 15/01/2015.

⁷ Toda quadrilha junina tem um casal de dançarinos que representa um casal heterossexual de noivos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

menos opressora, e aqui está a hipótese deste trabalho, a criação de um local de re(ex)sistência cultural. Cabe apontar que, mesmo entendendo o casamento como um arranjo social com base nas normatizações heterossexuais, ao colocar em cena em um dos espaços onde antes essas pessoas (no caso gays) não tinham visibilidade, o ato dessa quadrilha junina exerce grande força política para a quebra dos paradigmas vigentes, os regimes que pretendem regular os gêneros e as sexualidades.

[...] as quadrilhas se tornaram um espaço de intensa participação de homossexuais que trazem consigo novas linguagens corporais que mexem com as concepções estéticas e performáticas convencionais desta manifestação de estrutura cênica sexista. Na quadrilha todos são aceitos, recusam a invisibilidade social e elevam sua auto-estima, conseqüências [...] da transformação do indivíduo negado pelo sistema em artista-criador.⁸

Para essa análise, cabe apontar a importância do conceito *heterotopia*, exposto por Michel Foucault (1967, p.414-416) para denominar espaços que “[...] têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas”. Através das observações feitas até o momento, é possível defender que as quadrilhas juninas, de alguma forma, podem se configurar como espaços heterotópicos, espaços onde “[...] se localiza[m] os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida”, permitindo aos sujeitos dissidentes da heteronorma a re(ex)sistência perante tal regime, ou seja, a sua reinvenção. Seria, ainda, através desse espaço, possível atuar e propor ações que ajudem a combater o “[...] preconceito no campo da cultura, exatamente o ‘lugar’ onde ele se (re)cria e se mantém” (COLLING, 2013, p.15).

O corpus teórico

Para uma melhor compreensão do que está sendo discutido aqui, é necessário compreender em que bases fundadoras essa pesquisa, ainda em fase inicial, se alicerça. É importante denotar que ela está sendo desenvolvida na perspectiva dos Estudos Queer, que

⁸ NETO, Hugo Menezes. *Damas e Cavalheiros: O Estudo de Caso das Quadrilhas Juninas do Recife. Gênero, Feminismo e Cultura Popular – ST 56 – s/d. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/H/Hugo_Menezes_Neto_56.pdf> Acesso: 10/02/2015.*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

surgiram, como afirma Miskolci (2009, p.150), como “contraponto crítico aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e à política identitária dos movimentos sociais”. O que esse campo de estudos pretende é desconfiar dos saberes considerados “verdadeiros” e legitimados, “naturalizados”.

Os Estudos Queer ajudam a compreender e transpor a relação das identidades de gêneros e sexualidades e os papéis que são atribuídos socialmente aos corpos, quase que sempre na lógica de um “outro abjeto”, de um sujeito que não é digno de valor em oposição a um que é: hetero/homo, homem/mulher etc. Seguindo essa lógica Miskolci (2009) aponta que:

[...] o papel do *queer* não é desqualificar os movimentos identitários, antes apontar as armadilhas do hegemônico em que se inserem e permitir alianças estratégicas entre os movimentos que apontem como objetivo comum a crítica e contestação dos regimes normalizadores que criam tanto as identidades quanto sua posição subordinada no social.⁹

Daí a importância de basear essa pesquisa nos Estudos Queer, para compreender os sujeitos que proliferam diferenças nas quadrilhas, os quais chamarei nesse texto de “corpos queer”, esses que muitas vezes ao estarem, ou melhor, questionarem a fronteira da dicotomia dos gêneros masculino/feminino resistem à heteronorma e reexistem para fora dos binarismos. Colocando em xeque, que corpos são ou não dignos de valor. Os corpos humanos são! Mas por vezes parecem não ser, pois, a sociedade trabalha na (anti)lógica do corpo branco, heterossexual e burguês como único modelo legítimo de vida.

Para ler e buscar compreender os sujeitos dissidentes e resistentes à heteronorma presentes nas quadrilhas juninas, os corpos queer, o emprego do conceito de Gênero trabalhado aqui, na perspectiva pós-estruturalista, compartilhada por Guacira Lopes Louro (2014) com base no trabalho de autores como Michel Foucault e Judith Butler, também será central para a compreensão do que está sendo exposto neste texto.

Segundo a autora o gênero sexual é uma construção social que se entrelaça com outros “marcadores sociais”, como classe social, raça e etnia. Ela também aponta que as identidades

⁹ MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de gênero, o “ser” masculino ou feminino na sociedade, não deve ser tomado como algo essencialista, algo que se possa explicar pela biologia, mas como construções que devem ser entendidas enquanto “plurais”, feitas a partir dos paradigmas vigentes na sociedade (heteronormativa) e que podem variar de acordo com o momento histórico e a subversão desses paradigmas, o mesmo vale para as identidades sexuais. Em ambos os casos, Louro salienta que “[...] a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existia a priori” (2014, p.27).

Dançando sobre a norma

Os grupos dominados, como afirma Louro (2014, p.37). [...] são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão lugares de resistência e de exercício de poder”. Seguindo essa lógica, não é hipotetizar que as quadrilhas juninas são espaços onde a heteronormia não aplique suas perversas estratégias de controle dos corpos, mas que as pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes, fazem desse espaço, que não é ocupado apenas por eles e elas, mas também por pessoas heterossexuais, um espaço que propicia a quebra dos paradigmas que querem manter os corpos na dicotomia onde o outro é sempre abjeto hetero/homo. Como aponta Fernando Seffner (2011, p.65), ao afirmar que as relações humanas estão profundamente fundadas na “[...] desigualdade de sujeitos, e em oposições binárias em que um dos polos é superior ao outro em termos de poder [...] Não é difícil saber, em cada par destes, quem tem mais poder”.

Encontra-se, assim, a importância do conceito de heteropia, que pode ajudar a entender as formas pelas quais se pode “colocar em suspenso” a norma, no caso heteronormia, apoderando-se os sujeitos que proliferam diferenças nas quadrilhas, lidos como minoritários em relação aos gêneros e sexualidades e possibilitando outras formas de vivência à essas pessoas. Resistindo às normatizações, reinventando a realidade opressora, nesse caso as quadrilhas juninas, um espaço outro, que possibilita “um suspiro em meio ao caos de opressão e morte” das pessoas lidas dissidentes.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Tomemos como exemplo uma publicação do presidente¹⁰ da Junina Nordeste Show, Mauro Sérgio, em uma rede social em maio de 2014, na qual ele comentá o ensaio do dia anterior, escrevendo o que segue: “[...] ontem no ensaio, tive a certeza, de que cada um de vocês tem um brilho muito especial. O brilho de ser gentil, o brilho de ser amigo”¹¹. Nessa mesma rede ele refere-se a quadrilha como “uma grande família”, na qual o apoio, a cooperação e o respeito devem operar.

Resistindo as barreiras impostas pelo machismo, pela homo-lesbo-trans-bifobia e pela discriminação, constructos sociais opressores e reguladores. Um outro exemplo, que pode ajudar a compreender esse espaço, as quadrilhas juninas, como um possibilitador de heterotópias, é o da Junina Rosa de Ouro, quadrilha de Barreiras-BA, que tanto no ano de 2012¹² quanto em 2014 veio com a temática homenageando os bois de Parintins *Caprichoso* e *Garantido*, ambos animais com suas sinhazinhas. Segundo a lógica vigente, esses papéis seriam interpretados por mulheres cis¹³, mas nessa quadrilha o papel de uma das sinhazinhas foi interpretado, por duas vezes, por uma travesti, ou como ela gosta de ser chamada “trava”.

Considerações finais

Dançando sobre a norma, tirando as coisas do lugar, e possibilitando uma reconstrução de saberes. É assim a forma como pessoas travestis, trans, os meninos afeminados e tantas outras, que são lidas e se leem nas identidades de gêneros e sexualidades dissidentes, fazem uso das quadrilhas juninas (talvez sem perceberem tal ação) como um espaço em que acabam por afrontar o que Berenice Bento (2011, p.98) chama de “Mecanismos de funcionamento das margens” para colocar em xeque os regimes que pretendem regular os corpos à heteronorma.

¹⁰ As quadrilhas juninas costumeiramente se referem ao seu organizador principal com o termo presidente.

¹¹ Extraído da rede social Facebook:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=506971816091530&set=a.208885092566872.41764.100003361482826&type=1&theater>> Acesso em 15/03/2015

¹² Vídeo de parte da apresentação disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dpIEwkwfTROw>> Acesso 10/02/2015

¹³ O que convencionalmente se entende como uma mulher com vagina – Para uma melhor compreensão acerca do “cistema” ler: VERGUEIRO, Viviane. Por traições contra o cistema. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2014/03/17/por-traicoes-contr-o-cistema/>> Acesso em: 02/03/2015



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Referências

BENTO, Berenice. *Política da diferença: feminismos e transexualidades*. In: COLLING, Leandro (org). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: Edufba, 2011, p. 79 a 110.

COLLING, Leandro. *Políticas para um Brasil além do Stonewall*. In: COLLING, Leandro (org). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: Edufba, 2011, p. 7 a 20.

_____, Leandro. *A igualdade não faz o meu gênero* - em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 3, 2013, p. 405-428.

FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/13404247/foucault-m-outros-espacos-in-ditos-e-escritos-iii-estetica-uesb>>. Data de acesso: 15/01/2015. Texto originalmente publicado em 1967.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

PINHEIRO, Tenente João Paulo & PITTA, Ignez Almeida. *No Cerrado Entre o Malho e o Fuzil: O Exército Brasileiro no Oeste Baiano: Narrativa dos dados históricos do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, 4º BEC, sua vinda para Barreiras e contribuição para o desenvolvimento do Oeste Baiano, implantando as estradas essenciais à sua integração*. Barreiras, 2012. Disponível em: <http://www.4becnst.eb.mil.br/galeria/livro_historico_4_bec.pdf> Acesso em: 02/03/ 2015.

SEFFNER, Fernando. *Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT*. In: COLLING, Leandro (org). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: Edufba, 2011, p. 57 a 78.

VERGUEIRO, Viviane. *Por traições contra o sistema*.

Disponível em: <<http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2014/03/17/por-traicoes-contra-o-sistema/>>. Acesso em: 02/03/ 2015.